

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Autocuidado e costura como geração de renda na Cracolândia: o Coletivo Tem Sentimento e a prática de redução de danos

Self-care and sewing as income generation in Cracolândia: Coletivo Tem Sentimento and the practice of harm reduction

Carmen Lopes de Almeida^I, Cristina Viscome^{II}, Pâmella Rafaella Barbosa Vaz^{III}, Danee Alves Amorim^{IV}, Marina Barbosa^V, Ananda Giuliani^{VI}

Resumo

O presente texto tem como finalidade relatar as experiências de autocuidado, de costura e de geração de renda promovidas pelo Coletivo Tem Sentimento para mulheres cis, trans e travestis em situação de rua ou vulnerabilidade no território da Cracolândia, centro da cidade de São Paulo. Apoiado em uma perspectiva de redução de danos, o Coletivo tem como objetivo colaborar para os processos de retomada de dignidade e de autonomia das beneficiárias atendidas, bem como a promoção e defesa dos direitos sociais e políticos tão caros às populações vulneráveis e marginalizadas.

Palavras-chave: Autocuidado. Geração de renda. Redução de danos.

Abstract

The purpose of this text is to report the experiences of self-care, sewing and income generation promoted by Coletivo Tem Sentimento for cis, trans and travestis women living on the streets or in vulnerable situations in the territory of Cracolândia, in the center of the city of São Paulo. Supported by a harm reduction perspective, the Collective aims to collaborate in the processes of reclaiming the dignity and autonomy of the beneficiaries served, as well as the promotion and defense of social and political rights that are so important to vulnerable and marginalized populations.

Keywords: Self-care. Income generation. Harm reduction.

^I Carmen Lopes de Almeida (coletivotemsentimentooficial@gmail.com) é graduada em Serviço Social. Fundadora do Coletivo Tem Sentimento. É redutora de danos, articuladora social, atua em defesa da população em situação de rua, usuárias de substâncias, LGBTQIA+, mulheres cis, trans e travestis, mulheres imigrantes e/ou em situação de vulnerabilidade.

^{II} Cristina Viscome (cviscome1@gmail.com) é graduada em Pedagogia, atua na área de assistência social e é especialista em dependências pela Universidade Federal de São Paulo (Unifesp).

^{III} Pâmella Rafaella Barbosa Vaz (vazpamella@gmail.com) é mestranda em Sociologia pelo Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Estadual de Campinas (IFCH/Unicamp). Integrante do Coletivo Tem Sentimento, Teto Trampo Tratamento e ex-estagiária da Associação Cultural e Artística Birico.

^{IV} Danee Alves Amorim (daneeamorim9@gmail.com) é graduanda na Escola de Artes Dramáticas da Universidade de São Paulo (EAD/USP). É artista do corpo: trans artista, contorcionista, circense sem lona, atriz e dançarina. Integrante do núcleo artístico do Coletivo Tem Sentimento e Teto Trampo Tratamento. Também trabalha como redutora de danos do Centro de Convivência é de Lei.

^V Marina Barbosa (soumarinab@gmail.com) é graduada em Ciências Sociais pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Gestora cultural. Atuou como Coordenadora de Exposições e Programação Cultural do Museu das Favelas, em São Paulo, na coordenação de projetos contemplados pelo Museu de Arte de Rua (MAR) da Secretaria Municipal de Cultura de São Paulo e na produção executiva de projetos culturais em Salvador – (BA), como o Projeto Mural e as Oficinas do Museu de Arte Moderna da Bahia (MAM). Integrante do Birico Arte e do Coletivo Tem Sentimento.

^{VI} Ananda Giuliani (ananda.giuliani@gmail.com) é artista plástica pela Universidade de Brasília (UnB). Atua na pesquisa do espaço enquanto corpo de atuação e embate por meio, principalmente, do pensamento em instalação e experiência urbana. Integrante do Birico Arte e do Coletivo Tem Sentimento.

Introdução

Contar a história do Coletivo Tem Sentimento^{vii} e o seu processo de fundação a partir das suas próprias experiências, iniciadas em 2016 até o presente momento, faz parte de um exercício de preservação de memória dos agentes sociais e políticos locais, mas também de contribuir para a formulação de políticas públicas que se fundamentem na perspectiva de redução de danos, de defesa e promoção de direitos, e que atendam às necessidades da população em situação de rua, usuárias de drogas, LGBTQIA+ e em situação de vulnerabilidades e violências. Além do mais, este relato de experiência busca fomentar a importância da criação de vínculo com a população atendida e da construção em rede por trabalhadoras e trabalhadores que atuam no mesmo território, na contramão das condutas técnicas do poder público, tal como da falta delas, uma vez que a atuação integrada e em conjunto tem maior alcance e impactos positivos.

Dessa maneira, resgata-se o que Brugère (2023) compreende como “bom cuidado”, pois:

(...) a ética do cuidado deve, então, ser entendida como uma teoria crítica que denuncia e exhibe os procedimentos pelos quais, em nossas sociedades, institui-se uma marginalização do cuidado para com os mais vulneráveis, bem como um não reconhecimento das práticas, das pessoas e das instituições que asseguram esse tratamento social. Ao mesmo tempo que todos e todas que praticam o cuidado tornam possível a manutenção do laço de ajuda mútua, de solidariedade e de cuidado, também são condenados ao silêncio, participam pouco das esferas de decisão pública, são mal remunerados ou reduzidos à dedicação gratuita e solitária no espaço privado. É necessário fazer um balanço completo do contexto ideológico do cuidado que – a despeito de sua especificidade ética – reduz

suas práticas a normas de rentabilidade econômica e de gestão administrativa¹.

Por conseguinte, trabalhar em um território em constantes mudanças, conflitos, violências e opressões como a Cracolândia, pode não soar tão agradável aos ouvidos pelo seu grau de instabilidades e fragilidades. Apesar disso, existem trabalhos e ações contínuas que envolvem e modificam toda a bagagem subjetiva e objetiva constituída historicamente e socialmente nesse local. Espera-se que este relato possa trazer à tona um novo olhar sobre a população em situação de rua, os indivíduos que frequentam a cena aberta de uso abusivo de drogas da Cracolândia, sobre a necessidade do movimento de se colocar no lugar do outro, de compreender suas particularidades, fragilidades, traumas, vivências e histórias, de se criar vínculos, de estar e conhecer a sua área de trabalho para entender as demandas da população atendida.

Embora esse território sujeite cotidianamente as pessoas a esquecerem de si mesmas, é imprescindível escutá-las, incentivá-las a cuidarem de si mesmas e, principalmente, de existirem condições materiais, direitos garantidos, espaços adequados e profissionais qualificados para acolher, escutar, tratar e orientar. O Coletivo Tem Sentimento, por exemplo, constrói diariamente seu espaço e sua história coletiva firmada no respeito, no cuidado, na dignidade e na autonomia de mulheres cis, trans e travestis.

Costurando sentimentos e reconstruindo a autonomia: um relato de experiência sobre a história do Coletivo Tem Sentimento

O Coletivo Tem Sentimento é uma organização da sociedade civil sem fins lucrativos e foi oficialmente fundado em 2016 com o objetivo de atuar na geração de renda e promoção de autonomia financeira para mulheres cis, trans e travestis em situação de rua no território da Cracolândia^{viii}. A fundadora

^{vii} Coletivo Tem Sentimento. Site oficial. Disponível em: <https://www.coletivosentimento.com.br/>.

^{viii} Nilson Hernandes Fortes Filho e Rangel Lima Garcia, YouTube, 16 de abril de 2019. Coletivo Tem Sentimento - Entrevista com a Assistente Social Carmem Lopes. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=gsHaCgHP4Ys>.



Integrantes do coletivo Tem Sentimento em sua sede.

Foto: Luca Meola.

do Coletivo, Carmen Lopes, atua desde 2013 com a população em situação de rua no bairro da Luz, especificamente no território da Cracolândia, onde começou a trabalhar como orientadora socioeducativa e, alguns anos mais tarde, passou a trabalhar como assistente social. Hoje em dia, Carmen participa da rede de coletivos que atuam na região central da cidade de São Paulo e cumpre um importante papel de liderança comunitária, articuladora social e redutora de danos^{IX}.

As primeiras ações do Coletivo surgiram a partir de oficinas para a promoção de autocuidado para a população em situação de rua, em especial as mulheres cis, trans e travestis da região da Cracolândia, no

Largo General Osório^X. Nessa época, foi criado o “vale treta”, uma forma de bonificação para mulheres que participavam das oficinas de autocuidado, em que a cada participação significava ganhar um “vale treta”^{XI}, que podia ser trocado por alguma peça de roupa ou item de higiene pessoal.

Desde 2017, a sede do Coletivo é localizada na mesma área do Teatro de Contêiner Mungunzá, entre os bairros da Luz e de Santa Efigênia^{XII}. Nesse

^X Casa 1, YouTube, 7 de junho de 2021. Apresentação do Coletivo Tem Sentimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PxiWnEKIU3c>.

^{XI} “Vale treta” tem como significado “vale troca”, é comum entre os viventes do fluxo da Cracolândia falar de negócio, venda ou troca com sinônimo de “treta”, como por exemplo “quem tem guarda-chuva pra treta?”, que significa “quem tem guarda-chuva para vender ou trocar?”.

^{XII} Cia Mungunzá de Teatro, YouTube, 29 de outubro de 2022. Desmontagem Contêiner - Utopia de Lata. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=fsI9gp9B4ok>

^{IX} Teia documenta, YouTube, 10 de junho de 2020. Coletivo Tem Sentimento. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=DZK_aaNyGCA.



Integrantes do coletivo Tem Sentimento em cena de trabalho na confecção.

Foto: Luca Meola.

espaço, são realizados os trabalhos e atividades de formação profissional, como a costura, o crochê e a serigrafia, com a finalidade de democratizar os saberes e aprendizados têxteis, mas também de gerar renda e fortalecer a autonomia, bem como oficinas artísticas e pedagógicas^{xiii}.

Durante o período pandêmico da covid-19, entre os anos de 2019 e 2023, o Coletivo Tem Sentimento atuou na linha de frente nos cuidados com a população em situação de rua no território da Cracolândia, com entrega de máscaras, itens de higiene pessoal, peças de roupas e mais de 500 marmitas todos os dias, em uma parceria conjunta com o Teatro de Contêiner

Munguzá, o Birico Arte, o Pagode na Lata e o Centro de Convivência é de Lei.

O território da “Cracolândia” onde o Coletivo Tem Sentimento atua é socialmente considerado um dos mais repressivos da cidade de São Paulo, o qual se configura como um desafio complexo e que não possui soluções simples. Dada à conjuntura socioeconômica local de diferentes e intensas vulnerabilidades sociais, uso abusivo de drogas e pessoas em situação de rua, torna-se necessário mobilizar uma rede de parceiras e parceiros que trabalham ou residem no território para dar continuidade às ações que repensam os problemas, contradições e potencialidades da população atendida. E, sobretudo, contribuam para a formulação de políticas públicas em conjunto aos grupos, coletivos e organizações que possuem anos de experiência.

^{xiii} Sesc Bom Retiro, YouTube, 24 de agosto de 2021. #IstoNãoÉUmMapa #CruzamentosDeTerritórios Ep 2 - Coletivo tem Sentimento. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=PyNclxGZBrQ>.

Segundo Carmen Lopes, “a região da Cracolândia é fundamentada pela pluralidade de sentimentos que envolvem a nossa relação com o mundo, com o outro, com a rua e com nós mesmos, considerando a raiva, a revolta, a frustração, a saudade do que não se tem e, quase que fundamentalmente, o amor”. Nesse sentido, o trabalho do Coletivo Tem Sentimento reconhece e considera todas as particularidades e complexidades que envolvem as vulnerabilidades de quem está em situação de rua, como em particular a experiência de ser mulher em situação de rua^{xiv} e ser triplamente hostilizada e marginalizada socialmente, pois, além de não possuir um teto, pode ser usuária abusiva de drogas, não ter fonte de renda e por vezes vender seu próprio corpo na prostituição ou colaborar com o tráfico. Dessa maneira, o acolhimento no Coletivo incentiva o autocuidado, a olhar novamente para si, para sua vida e seus hábitos, sejam eles quais forem.

Considerações finais

Por fim, as ações e atividades promovidas pelo Coletivo Tem Sentimento contribuem para que as mulheres do Coletivo não se sintam apenas integradas, mas conquistem o direito de decidirem pela sua própria vida, sejam capazes de identificar, combater e denunciar as diferentes formas de opressão e violência, como o machismo, o sexismo, a transfobia, a lesbofobia, a homofobia, o racismo, a xenofobia, o capacitismo, a intolerância religiosa e a gordofobia, bem como contribui para a melhora do convívio, com respeito às diferenças, o enfrentamento da lógica violenta e opressora (institucional e social).

Nota-se que o impacto das ações e atividades do Coletivo Tem Sentimento surtem grandes efeitos internamente e individuais com os processos de retomada de dignidade, de construção dos afetos e de compartilhamento de saberes entre suas integrantes e, da mesma maneira, impacta positivamente na

comunidade e na rede de trabalhadoras e trabalhadores do território da Cracolândia. Portanto, ressalta-se a importância do acolhimento, da capacitação e da valorização das pessoas para retomar o processo de conhecer a si mesmo, suas capacidades e potencialidades, assim como conhecer o outro e o seu meio traz ganhos individuais e coletivos.

Contudo, observa-se que a “ética do cuidado tem a missão de produzir uma reflexão sistemática e de fazer desse conceito uma categoria central da análise da sociedade”, que por vezes configura-se como uma “gestão neoliberal do cuidado”, reduzindo “suas práticas a normas de rentabilidade econômica e de gestão administrativa”¹.

Agradecimento especial a todas as pessoas, parceiros e grupos que apoiam o Coletivo Tem Sentimento.

Referência

1. Brugère F. A Ética do cuidado. São Paulo: Editora Contracorrente; 2023.

^{xiv} Trip TV, YouTube, 2 de março de 2018. O cuidado e o amor-próprio entre mulheres na Cracolândia. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=sigU2YlqwwU>.